

# É fácil acabar com a miséria

FERNANDO PAULINO NETO

— É fácil eliminar a miséria no país?

— É fácil. O Brasil não é um país pobre em termos. Cerca de 80% da população mundial vive com uma renda média inferior à do Brasil. Existem muitos miseráveis vivendo lado a lado com recursos suficientes para erradicar a miséria. Hoje o Brasil gasta 21% do PIB.

**Pobre e posteira**  
"A política social brasileira dá o peixe de maneira compensatória e continuada, mas não ensina a pescar"

Um programa extremamente bem focado de transferência de renda obtinha este resultado a um custo bem menor.

— Quais os principais problemas?

— São três problemas. O primeiro é a falta de foco. Existe uma fase de Ricardo Paes de Barros (diretor de Estudos Sociais do Ipea) que era melhor jogar dinheiro de um helicóptero do que fazer o que se faz atualmente em termos sociais. Se pobres e ricos recebem os recursos da mesma maneira, seria melhor do que agora, porque os ricos e a classe média se apropriam de recursos que deveriam se dirigir ao pobre. O segundo problema é a questão da fugacidade da política social brasileira. Dá o peixe de maneira compensatória continuada, mas não ensina a pescar. É necessário alongar os benefícios no sentido de dar a vara de pescar ou ensinar os miseráveis a pescar, o gerador. O terceiro problema, ligado aos dois primeiros, é a falta de diálogo. O debate social brasileiro evoluiu muito, mas está ainda em um nível pouco racional. Daí a gente defender, há algum tempo, a adoção de metas sociais explícitas.

— Como chegar ao miserável para ensiná-lo a pescar?

— As crianças são o grande bômba da miséria nacional. 46% das pessoas abaixo de 16 anos são indigentes, contra 29,3% da população como um todo. Na democracia não é uma pessoa um voto, mas sim um adulto um voto. Mais de 45% dos brasileiros têm menos de 16 anos e estão fora da idade de voto. Não é à toa que a principal

crianças

"As crianças são o grande bômba da miséria. 46% das pessoas abaixo de 16 anos são indigentes, contra 29,3% da população total"

política social no imaginário do brasileiro é o salário mínimo. E programas voltados para a criança, como o bolsa-escola e alguns mais tradicionais, são mais eficientes tanto no curto quanto no longo prazo.

— Em que outro segmento da sociedade a ação social pode ter bons resultados?

— Outro bômba de miséria é o mercado informal. Cerca de 56% dos indigentes estão em famílias chefiadas por trabalhadores informais. O desempregado, aquele que foi demitido da fábrica, é visto como o principal problema social brasileiro. Não é. Um desempregado de uma fábrica tem seguro-desemprego, FGTS, aviso prévio, uma série de coisas. Quem está na informalidade, além de ser uma renda baixa, quando perde o emprego está ao relento. As políticas voltadas para o setor formal estão em nível dos países desenvolvidos. Nenhum país latino-americano tem um sistema de proteção ao trabalhador formal como o Brasil.

— O aumento do salário mínimo não ajuda a distribuir renda?

— No imaginário do brasileiro, o aumento do salário mínimo é a solução. É claro que a questão é importante, mas não é a melhor forma de erradicar a miséria. É tentador porque os governos reajustam o salário mínimo e ao mês seguinte o contra-cheque das pessoas já é afetado. Dois meses depois, já faz parte das estatísticas sociais. Do ponto de vista político, é sempre imediato, ao passo que ações voltadas para crianças não têm visibilidade e vão em direção aos que não têm voto.

Representação

"Mas democracias não é uma pessoa um voto, mas sim um adulto um voto. Mais de 45% dos brasileiros estão fora da idade de voto"

— Quantos são os miseráveis no Brasil?

— Existe uma discussão sobre o número de indigentes no Brasil. O número de 50 milhões de indigentes que a pesquisa revela gerou uma série de susceptibilidades. Nossa linha de pobreza é de R\$ 80 para São Paulo. Outras metodologias vão achar números diferentes. Mas esta discussão não é a mais importante. O governo tem que assumir o número de pobres. Tem que existir uma linha de pobreza oficial. Não importa se são 50 milhões segundo a FGV, 22 milhões (Ipea). 16

milhões (Comunidade Solidária). Palla é assumir o problema.

— Por que não é assumido?

— Primeiro é que é complexo falar do assunto. O governo federal fica chocado. A segunda razão está ligada ao salário mínimo. A partir do momento que se assume uma determinada linha de pobreza ou uma linha de indigência, gera multigão para os que querem resistir. O Dióscoro tem uma bandeira

participação: Pressionar o governo a fixar "metas sociais" de redução da miséria e uma linha oficial de pobreza no Brasil. Estas duas iniciativas permitiram um novo enfoque dos gastos sociais com prioridade para as crianças e os trabalhadores informais, os dois maiores bolsões de miséria do país, segundo ele. Não acredita que estas políticas a longo prazo dão muito mais resultado do que o aumento do salário mínimo ou políticas compensatórias (como o dos R\$ 14). Em seu estudo, detetou 50 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza. Outros institutos discordam. Por isso, a FGV prepara para o mês que vem um seminário sobre o assunto.



## QUESTIONÁRIO PROUST

### Debruçado em números

- Qual a sua ideia de felicidade perfeita?
- O fim da fome.
- Com qual figura histórica o senhor se identifica?
- Robin Hood.
- Qual a pessoa que o senhor mais admira?
- Meu filho, Guilherme, e as crianças em geral.
- Qual a sua característica mais marcante?
- Entusiasta.
- Qual a sua característica mais desprezível?
- Ser workaholic.
- Qual a característica que mais despreza nos outros?
- Preguiça.
- Qual a sua maior extravagância?
- Ter arrependido a Guizara Francosa e o Suriname, por zin, chondistimamente. Dou uma sensação de liberdade.
- Qual a sua viagem perfeita?
- Subir a Pedra da Góvea junto com a lua cheia, por volta das 21h.

- Qual o maior amor de sua vida?
- Fernanda, minha mulher.
- Quando o senhor foi mais feliz?
- Agora.
- Qual sua maior realização?
- A proposta de passos regionais de salários recém implantada.
- Qual a sua ocupação preferida?
- Ficar delegando sobre os números da sociedade brasileira.
- O que senhor está lendo agora?
- I Ching, de Amartya Sen.
- Qual a qualidade que mais admira em um homem?
- Coagem.
- Qual a qualidade que mais admira em uma mulher?
- Sensibilidade.
- O que mais valoriza nos amigos?
- Lealdade.
- Qual o seu escritor favorito?
- Gabriel Garcia Marquez.
- Como gostaria de morrer?
- De velhice.
- Qual o seu lema?
- Querer e poder.

que a cesta deveria ser de R\$ 900. O nosso número está mais próximo ao valor dos institutos oficiais do que para o Dióscoro.

— Estes diversos números sobre a linha de pobreza não atrapalham as ações práticas?

— A questão fundamental é a adoção de um nível, de uma linha. A proporção de pobres não deve ser o alvo, porque será um incentivo para se tentar atingir as pessoas que

estão logo abaixo da linha de pobreza e, por isso, não atingem o mais pobre dos pobres. A gente defende que quem está lá em baixo vale muito mais do que o que está lá em cima da linha de pobreza. A nossa proposta de metas sociais é como se fosse um elevador que começa do térreo e vai elevando pessoas através de uma série de políticas até chegar a níveis mais dignos. Essa proposta é a prova de linhas de pobreza. Não importa qual a linha de pobreza para metas sociais. O importante é que tenha um.

— Como seriam essas metas?

— O objetivo é traçar metas anuais e fixar um objetivo de longo prazo. No primeiro ano, supostamente, seria 15%, no outro, 14%, no próximo, 13%. Estipular isso é uma questão de sociedade. Eleger um índice e assumir uma trajetória.

— Estas metas não estão atreladas ao crescimento econômico?

— Se o Brasil crescer 4% ao ano durante cinco anos, a proporção de miseráveis cai de 29,3% para 21,7%. Se a economia se mantiver estagnada e houver uma mudança na distribuição de renda brasileira que faça o índice de Gini (um instrumento estatístico) cair de 0,59 para 0,54, a proporção de miseráveis cai de 29% para 15,7%. Vamos distribuir ou vamos crescer é um falso dilema.

— Como melhorar o nível do debate sobre o assunto?

— O debate já melhorou muito. Na campanha eleitoral de 1994, foi a inflação. O plano era combater a inflação, não redistribuir renda, que foi um efeito colateral. Em 1998, o debate social foi ancorado no desemprego, um programa que não atinge o mais pobre dos pobres. Agora está convergindo para a questão social. A própria estabilidade trouxe maior transparência aos números. O debate social brasileiro começou a incorporar a noção de restrição orçamentária, que obriga a ter prioridades. Não dá para fazer tudo, se não a inflação volta.

— É exatamente isso que as metas sociais trazem: foco ao debate. É importante que as metas sociais sejam de longo prazo, embora eu ache que é possível resolver em um ano.

— Em um ano?

— Através de uma mobilização ampla seria possível para a sociedade erradicar a miséria. Podemos dar um número simples. Se cada pessoa fora da linha de miséria doar R\$ 14 ao mês por um ano, acabaria. É apenas um número para mostrar como esse problema é solucionável.

— Os R\$ 14 são um indicativo para mostrar às pessoas que é possível erradicar a miséria?

— É um custo para as pessoas incorporarem, criarem no seu imaginário. O brasileiro quando tem objetivos claros é muito generoso, como ficou claro agora na crise de energia. A principal política é demandar dos governos as ações mais eficientes que atingem o mais pobre dos pobres.

— O senhor fala que os recursos para a área social são suficientes. O governo não pode pagar a conta?

— O Brasil é o país da América Latina que gasta mais na área social e a carga tributária no Brasil é líder na América Latina. O problema é gastar melhor e isso significa o dinheiro chegar aos mais pobres dos pobres, que não tenha desperdícios administrativos e que gere efeitos de longo prazo para não ter que ter um tratamento clientelista mês a mês. Quem tem que fazer isso são aqueles que estão lá por força do voto que têm representatividade.

— Como identificar exatamente quem é o mais pobre dos pobres?

— Os pobres nós sabemos quem são. Existe um perfil. As mulheres são mais pobres que os homens, entre os negros a pobreza é duas vezes maior dos que a dos brancos, nas áreas rurais é maior do que nas urbanas. O que falta é um esforço. É preciso consolidar o orçamento social. Quando se multiplica um programa aqui, outro ali, se perde a visão do todo. Um número de cadastro que servisse para cada pessoa consolidar os programas. É um problema não trivial que encarece os programas públicos.

Setor Formal

"As políticas voltadas para o setor formal estão em nível dos países desenvolvidos"